



Implicações para as empresas portuguesas

“Se tivesse de apostar num *hard* Brexit ou na possibilidade de um acordo, apostava no primeiro”

Em torno da incerteza que ronda o Brexit, o desfecho está longe de adivinhar. Ainda assim, uma coisa é certa: segundo referendo é altamente improvável e saída sem acordo começa a afigurar-se, apontam os oradores da Advocatus Summit.

Por ANA SOFIA FRANCO

O QUE AÍ VEM É “GEOMETRIA DO ESPAÇO”

“É um pouco geometria do espaço o que é que vem aí e o que o Brexit signi-

fica agora”, começou por caracterizar Francisco Seixas da Costa, ex-secretário de Estado dos Assuntos Europeus, sobre o que se pode esperar do Bre-

xit, agora que Theresa May se demitiu. No meio da incerteza quanto ao desfecho da saída do Reino Unido da União Europeia (UE), há uns quantos palpites. A improbabilidade de um segundo referendo acontecer é elevada e o *hard* Brexit parece cada vez mais certo. Empresas portuguesas maiores já estão preparadas, mas PME não têm a mesma capacidade de resposta, apontaram os especialistas do último painel da Advocatus Summit.



“O Brexit não é o fim do mundo. Saindo com um acordo pior no dia 31 de outubro, isso não implica um apocalipse no dia 1 de novembro. O Reino Unido teve sempre uma posição *sui generis* na UE. Acho que não é uma ameaça ao projeto europeu”

Patrícia Fragoso Martins

Professora da Universidade Católica Portuguesa

SEGUNDO REFERENDO? POUCO PROVÁVEL, MAS HARD BREXIT É QUASE CERTO

Para Patrícia Fragoso Martins, professora da Universidade Católica Portuguesa, o cenário de acontecer agora um segundo referendo ao Brexit é uma hipótese que afasta.

“É preciso perceber que o Reino Unido não tem uma tradição referendária e acho muito difícil que se faça um segundo referendo quanto ao Brexit. Parece-me improvável”, admitiu, referindo que a solução de *backstop* para a fronteira com a Irlanda



“Da experiência que tenho, as empresas já têm todas o seu plano de contingência preparado e não esperaram pelo Governo, mas falando das grandes empresas. Com as PME poderá haver mais dificuldades”

Mafalda Martins Lourenço
Consultora da Abreu Advogados

ainda cria “bastante incerteza jurídica”.

Também Francisco Seixas da Costa não vê o segundo referendo como possível e acha que uma saída sem acordo é mesmo o mais provável de acontecer. “O acordo que ali está é aquele ou nenhum. Se tivesse de apostar entre um *hard* Brexit ou a possibilidade de um acordo apostava no primeiro”, continuou. “A possibilidade de chegarmos a outubro sem acordo é muito elevada”.

Para Patrícia Fragoso Martins o problema neste momento é mesmo o grau de incerteza que ronda o Brexit ainda. “A saída

da primeira-ministra agudiza ainda mais essa incerteza. O cenário do *hard* Brexit é mesmo cada vez mais provável do que há uns tempos atrás”, concordou.

PORTUGAL ESTARÁ A FAZER O SUFICIENTE PARA APOIAR AS EMPRESAS EM CASO DE UM HARD BREXIT?

SERÁ QUE AS EMPRESAS ESTÃO PREPARADAS NA EVENTUALIDADE DE UMA SAÍDA SEM ACORDO?

Mafalda Martins Lourenço, consultora da Abreu Advogados, explicou que este momento está a ser único para todos os envolvidos, mas que pela sua experiência as empresas maiores em Portugal não esperaram pelo Estado e já estão precavidas. Uma capacidade que escapa, no entanto, às PME. De qualquer modo, todos saem a perder, apontou. “A UE nunca se deparou com uma situação



Moderador:
Pedro Sousa Carvalho,
diretor executivo do ECO



“O que é essencial no fundo é que Portugal está muito limitado para já e desde o Brexit várias ideias de sair da UE despontaram. Seria um pesadelo para as regiões do Algarve e da Madeira não ter ingleses”

Bernardo Trindade

Presidente da comissão executiva da Portugal In

Qual é o grau de impacto do Brexit na economia portuguesa? 60% da plateia respondeu “médio”, 36% apontou para “alto” e 4% respondeu “baixo”

destas, estamos todos a ser espectadores de primeira viagem. Mas qualquer que seja a nossa perspetiva será sempre uma situação de *lose/lose*”.

Depois do Brexit, o Reino Unido terá de ser visto como um país terceiro, adiantou a jurista e “quando falamos da relação com um país terceiro entram todas as questões aduaneiras, de trabalho, das pessoas de cá que estão lá. Já temos uma lei que facilitará a estadia dos imigrantes ingleses cá, esperando que o Reino Unido faça o mesmo connosco, mas estamos na expectativa”.

No meio deste caótico processo, o que está a acontecer é a “deslocalização por parte dos bancos e de outras entidades financeiras para jurisdições dentro da União Europeia, aquela que restará depois

do Brexit, designadamente para Dublin”, notou Hugo Rosa Ferreira, sócio da PLMJ.

“Há uma deslocalização que é parcial”, adiantou, acrescentando, contudo, que será “difícil que haja uma deslocalização do centro financeiro londrino, por excelência”.

E A RELAÇÃO COM PORTUGAL SERÁ PRIVILEGIADA NO FUTURO EM RELAÇÃO A OUTROS PAÍSES?

Para Bernardo Trindade, presidente da comissão executiva da Portugal In, a relação ancestral de Portugal com o Reino Unido, que remonta ao século XIV, é um bom ponto de ligação a manter. “Este conjunto de acontecimentos reafirmou a nossa relação”, considerou. “Hoje há claramente uma relação forte que Portugal quer conservar. O Reino Unido foi



“Acho que nos afastámos do Reino Unido nos últimos tempos, desde a nossa integração na UE. Continuo a achar que uma União Europeia sem o Reino Unido é uma União desequilibrada. Mas no pós-Brexit há questões que serão limitativas. Teremos de seguir aquilo que a UE quiser”.

Francisco Seixas da Costa

Ex-secretário de Estado dos Assuntos Europeus



“Aquilo que nós estamos a verificar é a deslocalização por parte dos bancos e de outras entidades financeiras para jurisdições dentro da União Europeia, aquela que restará depois do Brexit, designadamente para Dublin”

Hugo Rosa Ferreira

Sócio da PLMJ

responsável por cerca de 23% de investimento estrangeiro em Portugal”, afirmou. Portugal “não se pode dar ao luxo de perder esta ligação”, defendeu Bernardo Trindade, que explicou que na Portugal In o objetivo é ajudar as empresas britânicas

com eventuais danos e trazê-las para cá. “Pessoalmente, o mais importante para mim é como a administração pública pode melhorar para o investimento estrangeiro ser maior”, realçou.

Seixas da Costa, porém, diz que Portu-

gal se afastou do Reino Unido nos últimos tempos e que uma UE sem Reino Unido é uma “União desequilibrada”. “Teremos de seguir aquilo que a UE quiser. Mas não sejamos muito otimistas sobre políticas que possam estar ligadas ao *core* comunitário”, destacou.

Hugo Rosa Ferreira concordou, mas duvida de que a solução para o Brexit possa espoletar todo o repensar do projeto europeu. “Um dos cenários em que uma crise comunitária poderia acontecer seria no caso de o Reino Unido ter uma relação de privilégio com a UE e outros estados externos quere-rem-na também. No caso de um *hard* Brexit será esse o caso”, acabou o advogado. ●